

— PIB do segundo trimestre surpreende e leva mercado a rever previsões de expansão no ano

Por que a economia tem crescido mais do que o esperado?

Economistas convidados pelo 'Estadão' falam sobre essa questão
Eles veem ganhos no PIB potencial nos últimos anos com reformas, mas alertam que o País precisa retomar a capacidade de investimento para garantir crescimento sustentado

LUIZ GUILHERME GERBELLI

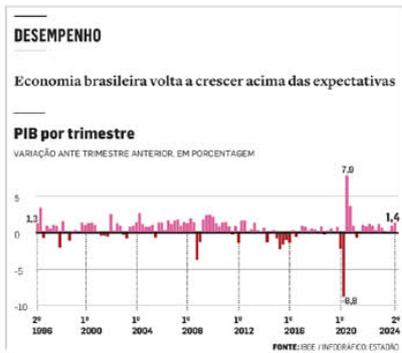
O s números do segundo trimestre da economia surpreendem novamente os analistas que se debruçam sobre os indicadores de atividade no dia a dia. Enquanto o consenso do mercado apontava para um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 0,9% no período de abril a junho, o resultado divulgado pelo IBGE mostrou um avanço maior, de 1,4%, puxado pela indústria e pelo setor de serviços.

O bom desempenho do segundo trimestre elevou a previsão para o PIB de 2024 ao patamar de 3%. Se confirmado, será um desempenho melhor do que o esperado em janeiro, quando as projeções de crescimento eram de pouco mais de 1,50%. E essa surpresa está longe de se restringir a 2024. Nos últimos anos, o PIB tem crescido mais do que o esperado. E por que isso tem ocorrido?

Economistas consultados pelo Estadão citam alguns fatores para esse crescimento mais forte. Há um consenso de que as reformas – como a trabalhista e a da Previdência – empreendidas desde o governo Michel Temer podem ter ampliado a capacidade de crescimento potencial do País. E essa mudança de patamar se somou a uma expansão fiscal – via reajuste do salário mínimo e pagamento de precatórios, por exemplo – e a um mercado de trabalho aquecido, que deram



Linha de produção da Fiat, em Betim (MG); desempenho da indústria puxou PIB no segundo trimestre



um fôlego extra para a atividade econômica recente. A pergunta agora é se esses números mais positivos correm o risco de mostrar fôlego curto. Para os economistas, é preciso ampliar a atração de novos investimentos se o Brasil quiser ter um crescimento duradouro. A questão fiscal também preocupa: a incerteza com o rumo das contas públicas tende a afastar os investidores privados. Veja, a seguir, a avaliação de seis economistas sobre o desempenho do PIB e as perspectivas para o futuro:

Depoimentos

ALESSANDRA RIBEIRO
Sócia e diretora de macroeconomia e análise setorial da Tendências



'Política fiscal, crédito e efeitos da economia dos EUA explicam alta'

Ainda que haja uma discussão em relação ao efeito de reformas macro e microeconômicas realizadas nos últimos anos afetando o PIB potencial da economia brasileira, há uma combinação de elementos conjunturais cujos efeitos para a atividade econômica os economistas não estão conseguindo captar bem. É possível ver a combinação de pelo menos três forças principais por trás da performance mais forte da economia brasileira nos últimos trimestres.

O primeiro fator está relacionado aos efeitos da política fiscal atualmente implementada, na medida em que a expansão de gastos tem efeitos multiplicadores para a atividade econômica. O aumento de gasto público em curso é evidente em várias rubricas, como salários do funcionalismo público, gastos previdenciários, gastos em saúde e educação, programas sociais, dentre outros. Entre janeiro e julho deste ano, as despesas totais cresceram a um ritmo de 7,8% em termos reais, mantendo um ritmo expressivo, sendo que no mesmo período do ano passado o crescimento foi ainda mais substancial, de 8,7%.

O segundo fator está relacionado ao efeito defasado do ciclo de flexibilização monetária implementado pelo Banco Central, em especial no mercado de crédito. As concessões de crédito a pessoa física devem crescer 7,7% em termos reais neste ano, ante 4,5% em 2023, sendo que as concessões a pessoas jurídicas devem crescer 6,9%, vindo de retração de 5,7% em 2023. No mercado de capitais, observa-se importante expansão de emissões, sendo que de janeiro a julho mostraram crescimento de 114% em termos reais.

O terceiro fator, ainda que menos importante em relação aos dois anteriores, está relacionado aos efeitos da resiliência da economia americana na primeira parte do ano, com efeitos para a atividade global e brasileira.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: A Fundo **Caderno:** A **Página:** 6 e 7